

“BIBLIOTECA COSMOS” POLÍTICA E CULTURA

*Luis Andrade**

A Alfredo Caldeira,
pelo Arquivo & Biblioteca da
Fundação Mário Soares

A “Biblioteca Cosmos” constituiu uma iniciativa editorial de alcance inusitado na história da divulgação da cultura científica no contexto adverso à mentalidade positiva fomentado pelo Estado Novo.

Basta considerar que os 106 títulos, em 145 volumes, da “Biblioteca” conheceram uma tiragem global de 793 500 exemplares para verificar o sucesso que soube suscitar¹. Tratou-se, aliás, de um feito cuja amplitude do rasgo chegou até aos nossos dias de tal modo é frequente encontrarem-se, ainda hoje, exemplares desta colecção em estantes privadas ou em locais de venda de livros usados.

A centelha inicial partiu de Bento Gonçalves, em conversa com Manuel Rodrigues de Oliveira no depósito de presos políticos de Angra do Heroísmo, donde o futuro editor regressou ao Continente no início de 1936 e o Secretário-geral dos comunistas foi deportado, pouco depois, para o Tarrafal, onde viria falecer em 1942.

Do convívio na Fortaleza de S. João Baptista ficou a recordação e o compromisso:

Tudo começou em Angra. Um dia, Bento Gonçalves disse-me que fazia falta uma biblioteca de difusão cultural, semelhante à “Biblioteca

* Professor do Departamento de Filosofia da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa e investigador do CHAM – Centro de Humanidades da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores.

¹ A lista dos títulos publicados na “Biblioteca Cosmos”, com indicação do número de edições e da totalidade das tiragens, encontra-se registada nas páginas finais da obra que a encerrou (Cap. Hermes de Araújo Oliveira, *O Submarino*, Lisboa, Edições Cosmos, p. 266-271).

do Povo e das Escolas”. Julgava ser eu a pessoa indicada para essa tarefa. No dia em que saí em liberdade, abracei-os a todos e o Bento disse-me: “Não te esqueças daquela ideia”. Não me esqueci!²

Numa época em que a criação de uma editora obrigava a sanção oficial e a fiança elevada, a solução consistiu em acolher a proposta de compra de uma empresa insolvente, no caso, a Editorial Cosmos, de João de Almeida Júnior, orientada para a publicação de cadernos com temática colonial.

Vocacionadas para novos rumos, as Edições Cosmos ficaram registadas, em Outubro de 1938, como propriedade de uma sociedade constituída por Manuel Rodrigues de Oliveira, que fora dirigente da Federação das Juventudes Comunistas Portuguesas, Manuel Fróis Figueiredo, que havia sido tesoureiro de *A Batalha*, e António Duarte Costa, ajudante de guarda-livros do matutino *O Século*, que era, ou havia sido, local do labor quotidiano dos três sócios³.

Para dirigir a “Biblioteca”, Manuel Figueiredo ficou incumbido de sondar Bento de Jesus Caraça, conferencista e oposicionista reputado, que os recentes empresários admiravam desde logo por terem frequentado a Universidade Popular Portuguesa, em Campo de Ourique⁴.

Aceite o convite por parte do Professor Caraça, a concepção da colecção e o acompanhamento das obras a publicar foram-lhe entregues, pelo que a programação⁵ e a execução editoriais ficaram a dever-se inteiramente à dedicação que lhes devotou. A morte de Bento de Jesus, aos 47 anos, ditou o fim

² Luís Crespo de Andrade, “Testemunhos da história cultural e política do século XX”, *Vértice* 100, II Série (Lisboa, Mar.-Jun. 2001), p. 139.

³ Seguimos as palavras de Manuel Rodrigues de Oliveira, registadas em 4 de Fevereiro de 1987, que estão transcritas no local citado. É de notar, porém, alguma discrepância nos depoimentos prestados pelo editor acerca da aquisição da editora a que o seu nome ficou associado, extensível, aliás, aos próprios registos da Sociedade Tipográfica Editorial, Lda, designação oficial da empresa (veja-se, por exemplo, Ricardo Machaqueiro, “Os segredos da Cosmos”, *Ler* 34 (Lisboa, Círculo de Leitores, 1996) p. 103-104).

⁴ Bento Caraça deixou três apontamentos manuscritos acerca deste convite e da sua aceitação: «“Cosmos”. Abordado em 29-10-940 por Manuel Figueiredo para aceitar um lugar de direcção (não especificado) numa colecção de divulgação cultural que projectam editar. Aceito, em princípio»; «“Conferência” em 1-11-40 (Sexta-feira). Ambiente admirável! Aceito a direcção-geral da colecção»; «“Nova conferência” 7-11-40. Apresento programa geral – aceite». (Espólio de Bento de Jesus Caraça, Fundação Mário Soares, Pasta 4419.012).

⁵ A proposta acolhida por Caraça possibilitava-lhe concretizar um desiderato que tinha ficado adiado por ocasião da frustrada revista *Litoral*, que chegou a ser anunciada para a segunda metade de 1938: «Finalmente o mais importante! – a publicação em suplemento, separata, ou outra forma editorial conveniente, de uma “pequena enciclopédia popular racionalista” a distribuir “o mais barato e em maior número possível”. Acima de tudo, a cultura popular!» (Espólio de Bento de Jesus Caraça, Fundação Mário Soares, Pasta 4409.002).

da “Biblioteca”, já que o editor não queria “continuar com outrem” uma obra que havia sido criação do director então desaparecido⁶.

Bento Caraça ocupou-se, pois, de todas as tarefas que garantiram o sucesso obtido: desenhou a estrutura temática, incentivou muitas dezenas de autores, na sua maioria jovens, a darem o seu contributo, procedeu à revisão minuciosa dos originais, que mereceram frequentemente pedidos de esclarecimento e sugestões de desenvolvimento, respondeu e acompanhou quem lhe dirigiu propostas de colaboração, ocupou-se da escolha de obras a traduzir, entre muitas outras tarefas editoriais correntes.

Se tivermos presente que a cadência de publicação prevista era quinzenal e que havia a intenção de publicar originais de autores nacionais e só muito subsidiariamente universais ou estrangeiros, o mérito revelado por Bento de Jesus ganha o merecido alcance.

Compreende-se, assim, que Manuel Rodrigues tenha associado as duas figuras a quem ficou a dever a sua condição de editor bem-sucedido numa evocação comum:

Houve dois Bentos importantes na minha vida, ambos cruciais no percurso da Cosmos, um foi o Bento Gonçalves, o outro o Bento de Jesus Caraça. O primeiro entusiasmou-me a fazer uma editora, o segundo foi o obreiro empenhado que lhe deu forma⁷.

O propósito de constituir uma “biblioteca”, e não uma simples série temática, indica, só por si, a vocação enciclopédica e propagadora do projecto, cujos volumes se encontravam distribuídos por sete secções, que apresentavam na capa um mesmo motivo de autoria de Carlos Botelho, evocativo da universalidade pretendida, que a Terra e algumas estrelas simbolizavam, mas com as diferentes tonalidades do arco-íris atribuídas a cada um dos ramos da usual árvore metafórica do conhecimento.

A ambição foi, talvez, o aspecto mais significativo da iniciativa, pois esta não se confinou à pretensão de proporcionar uma visão geral do saber, mas pretendeu sobretudo propagá-lo amplamente junto dos concidadãos, mantidos pelas autoridades públicas na ignorância.

Ao iniciar-se com 3 000 assinantes, que satisfiziam as despesas directas da produção de cada volume, e 7 500 exemplares de tiragem, a “Biblioteca

⁶ É de referir que as Edições Cosmos passaram por uma situação financeira crítica nos últimos anos de publicação da “Biblioteca”, a ponto de Bento Caraça comunicar aos sócios da empresa, em 19 de Fevereiro de 1947, «não poder continuar na direcção da Biblioteca Cosmos nas condições actuais», pelo que se considerava, de imediato desligado dessa direcção (Espólio de Bento de Jesus Caraça, Fundação Mário Soares, Pasta 4419.009).

⁷ Ricardo Machaqueiro, *loc. cit.*, p. 104.

Cosmos” tornou-se um marco relevante na história editorial portuguesa, pois, na década de 1940, a publicação das obras de autores profissionais e consagrados, como Ferreira de Castro ou Aquilino Ribeiro, dificilmente ultrapassava os dois mil exemplares⁸.

Simultaneamente, a cadência bimensal das edições contribuiu para a definição e consolidação de um público fiel e relativamente extenso, a que o sistema de assinaturas conferia estabilidade além de facultar cobertura geográfica alargada.

Se considerarmos que 87 dos 106 títulos publicados são originais de autores nacionais, a que é necessário acrescentar a colaboração de publicistas reputados na tradução e apresentação de textos clássicos ou, simplesmente, de origem estrangeira, verifica-se, com facilidade, que Bento de Jesus soube congregar um grupo muito vasto de intelectuais para um desígnio que não podia deixar de ser sentido como sendo comum.

A este propósito, é ainda de recordar que o conjunto de homens de cultura atraídos e envolvidos na execução da “Biblioteca” é bem mais vasto do que aqueles que viram o seu nome impresso junto aos títulos publicados, pois muitos outros aceitaram colaborar, tendo coligido materiais preparatórios que, por este ou aquele motivo, acabaram por não redundar em obra destinada a conhecer o prelo.

O próprio Bento Caraça contribuiu com *Princípios Fundamentais Da Matemática*, em dois volumes⁹, com tiragens de 17 550 e de 10 000 exemplares respectivamente, além de ter manifestado a intenção de redigir uma biografia de Galileu, certamente como desenvolvimento da conferência “Galileu Galilei. Valor científico e valor moral da sua obra”, realizada na Universidade Popular Portuguesa no dia em que a condenação, e a abjuração, do fundador da Física moderna perfazia o seu terceiro centenário¹⁰.

Entre as obras publicadas ou tão-só anunciadas, a “Biblioteca” acolheu ou perspectivou incluir estudos de intelectuais “seareiros”, como Alberto Candeias, Manuel Mendes, Henrique de Barros, Irene Lisboa, Rodrigues Lapa e António Sérgio; de republicanos intransigentes, nomeadamente Abel Salazar, João de Barros e Adolfo Casais Monteiro; de libertários prestigiados, com destaque para Aurélio Quintanilha, Emílio Costa e João Campos Lima; de jovens marxistas, como Fernando Piteira Santos, Fernando Lopes Graça,

⁸ Luís Crespo de Andrade, *loc. cit.*, p. 140.

⁹ O terceiro volume esteve anunciado para a “Biblioteca”, mas acabou por ser publicado, em conjunto com as duas primeiras partes, postumamente, em Lisboa no ano de 1952, sem nome de casa editora, mas com a indicação de ter sido composto e impresso na Tipografia Matemática, Lda.

¹⁰ Bento de Jesus Caraça, *Galileu Galilei. Valor Científico e Valor Moral Da Sua Obra*, Lisboa, Seara Nova, 1933.

Armando de Castro, Álvaro Cunhal e Mário Dionísio; de académicos proeminentes, como Celestino da Costa, António da Câmara, Edmundo Curvelo, Jorge Alarcão, Ruy Luís Gomes, Vitorino Magalhães Godinho e Paulo Quintela; bem como de figuras relevantes noutras áreas do saber e da vida nacionais, por exemplo Luís de Freitas Branco, Francisco Keil do Amaral e o padre Joaquim Alves Correia.

Esta congregação de homens das letras e das ciências no quadro de uma iniciativa editorial destinada a afirmar a exigência contemporânea de uma racionalidade democraticamente partilhada representou só por si a constituição de um lastro cultural vasto, diversificado e actuante, susceptível de fazer chegar o conhecimento e, com este, o hábito e o gosto de pensar de forma informada e metódica junto de um público leitor numeroso¹¹.

A “Biblioteca Cosmos” representou, assim, um gesto de resistência e de resposta firmes ao obscurantismo salazarista, bem patente em crónica do Presidente da Academia das Ciências, o inefável Júlio Dantas, que não se coibiu de proclamar, nos finais de 1944, «[...] a falência maciça e integral da ciência nas suas tentativas de explicação da vida, do Universo e do Homem»¹².

Emancipação e orientação editorial

À semelhança da restante actividade cívica de Bento de Jesus Caraça, a “Biblioteca Cosmos” firmou os seus alicerces na expectativa depositada na difusão do saber como factor histórico determinante da emancipação individual e social.

Os pressupostos explicitados nas palavras de apresentação da colecção, mas também visíveis na sua concretização, remeteram inequivocamente para uma leitura do sentido geral do tempo humano que balanceava entre a consideração do fio condutor da evolução cultural pretérita e o anúncio do advento próximo da era da autodeterminação comum esclarecida.

¹¹ António José Saraiva e Óscar Lopes deixaram assinalada esta influência: a “Biblioteca” teria representado «o mais importante empreendimento cultural de divulgação» da sua época, contribuindo para uma «mudança efectiva, ainda que insensível, da mentalidade portuguesa» (António José Saraiva e Óscar Lopes, *História Da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora, s. d., 4.ª ed., p. 1036.

¹² Júlio Dantas, “A Ciência e a Vida”, *O Primeiro de Janeiro* (Porto, 14 Dez 1944). Bento de Jesus Caraça reagiu prontamente a esta proclamação da “ruína da ciência”, por não poder oferecer nenhuma “luminosa revelação das verdades transcendentis”. Em nota sarcástica destinada a ser publicada na *Seara Nova*, mas integralmente cortada pela Censura, Júlio Dantas é acusado de falar como representante de «uma classe para a qual a Ciência já não tem interesses fundamentais». (Veja-se Alberto Pedroso, “Efeméride”, *Seara Nova* 72, Nova Série (Lisboa, Abr., Mai., Jun. 2001) p. 43.

Se a “marcha da cultura e o progresso da civilização” tinha sido obra de todos os homens e não só de alguns, por mais notáveis que estes se tivessem revelado¹³, tornava-se necessário reconhecer tanto a legitimidade da compartilha de um legado universal indispensável para a edificação pessoal e para a vida em comunidade quanto o próprio direito, e dever indeclinável, da sua edificação efectiva.

A circunstância de as elites, nomeadamente as que se distinguiram nas diferentes áreas do conhecimento, laborarem em domínios de estudo especializados não constituiria razão suficiente para privar os seus contemporâneos dos resultados alcançados, pois os homens estariam, na sua generalidade, aptos para apreender o significado do saber constituído.

A esta luz, a difusão do conhecimento, sujeita ao anelo de procura da síntese entre o «máximo de rigor com o máximo de simplicidade», capaz de «vulgarizar sem deturpar nem abaixar», surgia como uma obrigação cívica imperativa, capaz de permitir anunciar, mesmo nas circunstâncias próprias do segundo conflito armado com escala mundial, um devir próximo assente no «estabelecimento de novas relações e novas estruturas» em que «o homem achar-se-á no centro da sociedade numa posição diferente, com outros direitos, outras responsabilidades»¹⁴.

Em síntese, elucidação geral e moral social avançariam a par:

Quando acima falámos num humanismo novo, entendemos como um dos seus constituintes essenciais este elemento de valorização – que o homem, sentindo que a cultura é de todos, participe, por ela, no conjunto de valores colectivos que há-de levar à criação da Cidade Nova.¹⁵

Nestas palavras que encerram a apresentação da “Biblioteca”, ressoam claramente as convicções de Bento Caraça sobre a cultura e o seu papel na transformação social expressas nomeadamente na conferência “A Cultura integral do indivíduo – Problema central do nosso tempo”, a peça reflexiva de sua autoria mais correntemente evocada.

A dialéctica entre as elites, a quem se deve o «cultivo e o progresso da ciência», e a «colectividade inteira», para quem se reivindica a cultura «[...] porque só com ela pode a humanidade tomar consciência de si própria,

¹³ A tensão entre as elites e a generalidade dos homens constitui um eixo conceptual e um fio condutor comum ao conjunto dos escritos reflexivos de Bento Caraça, patente, por exemplo, nas conferências “As Universidades Populares e a Cultura”, de 1931, “A Cultura integral do indivíduo – problema central do nosso tempo”, de 1933, “A Arte e a Cultura Popular”, de 1936.

¹⁴ Bento de Jesus Caraça, Prefácio, M. Iline, *O Homem e o Livro*, Lisboa, Edições Cosmos, 1941, p. 9.

¹⁵ *Idem, ibidem*.

ditando a todo o momento a tonalidade geral da orientação às elites parciais», continuava a subjazer ao intuito de quem supunha que «despertar a alma colectiva das massas» constituía «a tarefa que está posta, com toda a sua simplicidade crua, à nossa geração»¹⁶.

Ao corresponder a este imperativo cívico, a “Biblioteca Cosmos” inscrever-se-ia no sentido imputado à evolução histórica enunciado na «lei» de apropriação ou de integração progressiva» no património cultural comum¹⁷ claramente observável no conjunto dos dispositivos de propalação do conhecimento que os homens engendraram ao correr dos séculos, em que o livro ocupou lugar simbólico e de destaque¹⁸.

A programação do trabalho editorial beneficiou tanto destas convicções amadurecidas ao longo de mais de uma década quanto permitiu recapitular a experiência de Bento Caraça no âmbito das soluções concretas delas decorrentes, que já havia articulado na Universidade Popular Portuguesa e na proposta de «pequena enciclopédia popular racionalista» a incluir como suplemento autónomo da revista *Litoral* que congeminara com pormenor.

A estrutura da colecção, nas suas sete secções, mas também nos termos que presidiram a cada uma, concilia claramente o anelo enciclopédico que a alentou com o sentimento de pertinência histórica nas suas diferentes expressões concretas.

Malgrado muitas das obras prometidas não terem sido entregues, de algumas das secções não terem conhecido o desenvolvimento ambicionado, de iniciativas de grupos de leitores terem dado lugar a novos ramos temáticos¹⁹,

¹⁶ Bento de Jesus Caraça, “A Cultura integral do indivíduo – Problema central do nosso tempo”, Bento de Jesus Caraça, *Conferências e Outros Escritos*, Lisboa, s. n., 1970, p. 53 e 48.

¹⁷ Bento de Jesus Caraça, “A Arte e a Cultura Popular”, Bento de Jesus Caraça, *Conferências e Outros Escritos*, Lisboa, *op. cit.*, p. 138. É de notar o fundamento antropológico da constante histórica assinalada, que radicaria no «[...] desejo e esforço constante, por parte do homem e da sociedade, no sentido de se apropriarem, numa medida cada vez maior» do património cultural comum (*Ibidem*).

¹⁸ Ao iniciar a “Biblioteca” com *O Homem e o Livro*, de M. Iline, Bento Caraça assinala o papel da memória colectiva, da linguagem escrita e da produção e circulação dos livros entre as “epopeias humanas” maiores. A esta consignação, necessariamente simbólica, junta-se ainda a exemplaridade da exposição desenvolvida pelo autor, simultaneamente coloquial, quase didáctica, e histórica, patente no encadeamento das etapas da evolução da escrita e do aperfeiçoamento dos seus suportes materiais até ao presente, que generalizou o uso do papel e da imprensa. M. Iline era pseudónimo de Ilya Marshak, engenheiro pelo Instituto Tecnológico de Leninegrado e escritor soviético «para jovens e hábil divulgador científico» (J. Moreira Araújo, *Biblioteca Cosmos. Um Projecto Cultural Do Prof. Bento de Jesus Caraça*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 14).

¹⁹ Fernando Vieira de Sá, médico veterinário, recordou, com pormenor, a história da sub-secção “Produção e indústria animal na civilização humana”, de que teve a iniciativa

do sentido de oportunidade ter levado a acolher propostas de autores adventícios, ou seja, de a “Biblioteca” acabar por apresentar um acervo de títulos e uma concretização geral distintos daqueles com que se apresentou, não deixa de ser inequívoco que as obras que a compõem encontraram pleno cabimento na matriz dos saberes de que emanou²⁰.

Como qualquer outro empreendimento enciclopédico, a “Biblioteca Cosmos” encerra em si, na sua aparente universalidade e pertinência, uma representação geral e articulada do saber, expressa na sua disposição interna e no teor e extensão das suas manifestações.

Uma simples leitura do conjunto dos títulos publicados deixa observar que a “1.ª Secção Ciência e Técnicas”, para a qual os editores reservaram o tom vermelho, é a que sobreleva no todo da colecção, não tanto por encabeçar o elenco temático mas fundamentalmente, por ter sido aquela que reuniu um maior número de volumes e que proporcionou a colaboração mais ampla de especialistas.

Se tivermos em consideração que Bento Caraça entendia a ciência como sendo «a melhor aliada do homem»²¹ e que devia «[...] ser dada a “todos” os indivíduos uma forte preparação de cultura geral, de base científica, ligada ao complexo da vida social»²², advém claro que a cultura geral que pretendia proporcionar-se assentava no saber positivo, que possui o mérito de combinar o conhecimento, a formação lógica, a objectividade científica e o pressuposto do labor industrioso proficiente.

Das Humanidades, excluída a História, ocupam-se a 2.ª e a 3.ª secções, dedicadas respectivamente às “Artes e Letras” e a “Filosofia e Religiões”. Sobressaem súmulas gerais das letras e das artes, nomeadamente nas suas expressões nacionais, ao mesmo tempo que se verifica a escassez de obras com teor propriamente filosófico, reduzidas aos dois volumes dos *Sistemas Filosóficos*, de André Cresson.

Com outro destaque, o saber historiográfico atravessa a 4.ª, a 5.ª e 6.ª secções, dedicadas a “Povos e Civilizações”, “Biografias” e “Epopéias Humanas”, temáticas particularmente queridas de Bento Caraça, que as enalteceu repetidamente, além de as ter cultivado, nomeadamente no que respeita às biografias de Galileu Galilei, Evaristo Galois e Rabindranath Tagore.

e que reuniu mais de metade das 12 obras previstas para publicação (Fernando Vieira de Sá, *Cartas Na Mesa. Recordando Bento de Jesus Caraça e a “Biblioteca Cosmos”*, Almada, Moinho de Papel, 2004, p. 109).

²⁰ As sete secções da “Biblioteca Cosmos”: 1.ª Ciências e Técnica; 2.ª Artes e Letras; 3.ª Filosofia e Religiões; 4.ª Povos e Civilizações; 5.ª Biografias; 6.ª Epopeias Humanas; 7.ª Problemas do nosso tempo.

²¹ Espólio Bento de Jesus Caraça, Fundação Mário Soares, Pasta 4409.002.

²² Espólio Bento de Jesus Caraça, Fundação Mário Soares, Pasta 4399.002.

Por fim, a secção “Problemas do Nosso Tempo” pretendia equacionar os termos próprios das respostas contemporâneas a questões sociais e económicas tidas por particularmente relevantes.

Uma apreciação conjunta dos fundamentos expostos e do teor das obras editadas permite verificar que a difusão do espírito positivo moderno e a apreensão da evolução histórica global a partir da leitura do seu devir cultural constituíram os esteios centrais da “Biblioteca Cosmos”, acompanhados, num plano mais recuado, pela atenção prestada a algumas referências de fundo humanístico e a questões de actualidade.

Porém, o desígnio declarado de fazer com que «o homem [...] possa compreender o tom geral da civilização do seu tempo»²³, não se podia cingir à resposta ao problema epistemológico intrínseco à definição de uma visão sistémica do saber, do seu sentido e do seu alcance, pois reclamava, igualmente, a acção que materializasse o pressuposto editorial definido e, sobretudo, a conjugação das condições necessárias à consumação da finalidade prática anunciada.

Como a correspondência de Bento Caraça bem patenteia, este cumpriu a missão em que se investiu de acordo com orientações claras e de um modo tão firme e efectivo que chegou a apresentar-se, embora com bonomia, como sendo um director «feroz»²⁴.

A leitura das indicações e das considerações críticas presentes nas missivas que Bento de Jesus dirigiu aos autores deixa observar, só por si, com nitidez as orientações que estruturaram a edificação da colecção.

O critério primeiro consistiu, naturalmente, na satisfação do padrão cultural e epistemológico que se pretendeu atribuir à “Biblioteca”, sujeita, nos seus termos gerais, ao rigor imputado à objectivação de fundo empírico. Qualquer expressão tida por idealista ou por metafísica deveria ser liminarmente rejeitada²⁵, ao mesmo tempo que «todo o artifício obscurecedor das

²³ “Cosmos. Folha de divulgação cultural. Necessidade da cultura geral”, prospecto da “Biblioteca Cosmos” dedicado aos Amigos das Edições Cosmos (Espólio de Bento de Jesus Caraça, Fundação Mário Soares, Pasta 4419.012).

²⁴ «Como vê, sou um director de biblioteca “feroz”», escreveu Bento Caraça a Luís de Freitas Branco, em carta datada de 9 de Novembro de 1942 (Espólio de Bento de Jesus Caraça, Fundação Mário Soares, Pasta 4419.010).

²⁵ José Moreira de Araújo ilustrou esta orientação com duas cartas de Bento de Jesus Caraça particularmente significativas. Em Abril de 1945, o director da colecção recusou a publicação do manuscrito *Educar e Instruir* com a alegação de que «[...] não tem esta Biblioteca nenhuma orientação particularista de carácter ideológico ou de culto, mas tem uma orientação fundamental de que não aceita desviar-se – a aceitação e defesa do racionalismo científico» e que «[...] o pensamento de V. Ex.^a, tal como está expresso na sua redacção, afasta-se, na sua essência, dessa orientação basilar». Um ano antes, em Abril de 1944, *Introdução Ao Urbanismo* mereceu igual rejeição, por o autor não aceitar substituir a expressão *bon chrétien* por *bon citoyen*, na medida

ideias» deveria ser tratado «como mercadoria de contrabando»²⁶.

Relevou, em segundo lugar, o propósito de divulgação. A orientação não consistiu nem na composição de um repositório geral do saber nem numa sucessão de estudos avulsos, por muito consistentes e interessantes que se revelassem. Pretendeu-se, antes, facultar «exposições dos elementos de cultura geral em cada ramo do conhecimento»²⁷, em que os especialistas sintetizassem o que deveria ser conhecido por todos, no âmbito da sua área disciplinar ou de competência²⁸.

Um terceiro pilar da “Biblioteca” estruturou o seu conceto interno, ao implicar que cada título publicado devesse «ser considerado como parte de um todo harmónico»²⁹, pois «[...] é preciso atender a que se trata duma “obra colectiva”, com um plano prévio, na qual todos os volumes devem constituir uma parte harmónica com o todo»³⁰. Este pressuposto valorizou naturalmente a monografia sobre temas gerais ou acerca de casos particularmente significativos, ao mesmo tempo que excluiu géneros como o ensaio, a ficção e o manifesto, mesmo que progressista³¹.

em que a racionalidade científica pretendida como orientação geral que asseguraria a unidade e harmonia da colecção se mostraria incompatível com «[...] ideias particulares, políticas ou religiosas, em questões que com elas em nada se relacionam» (J. Moreira Araújo, *loc. cit.*, p. 18-19).

²⁶ Embora a expressão citada conste nos documentos preparatórios da revista *Litoral*, o seu teor expressa uma das constantes da actividade de divulgação cultural desenvolvida por Bento Caraça (Espólio Bento de Jesus Caraça, Fundação Mário Soares, Pasta 4419.002).

²⁷ Espólio de Bento de Jesus Caraça, Fundação Mário Soares, Pasta 4419.003.

²⁸ Entre muitos casos, Bento Caraça insistiu nesta orientação junto do Tenente Manuel Cardoso Barata, futuro autor de *O Problema Da Aviação*, n.º 100-101 da “Biblioteca”, ao sublinhar que «[...] o trabalho não é destinado a aviadores, antes deverá incidir sobre o que todos devem conhecer da aviação» (Espólio de Bento de Jesus Caraça, Fundação Mário Soares, Pasta 4419.010).

²⁹ Carta de Bento de Jesus Caraça a José Neiva com data de 22 de Março de 1943 a propósito da preparação de *A Psicologia Do Adolescente*, n.º 44 da “Biblioteca Cosmos” (Espólio de Bento de Jesus Caraça, Fundação Mário Soares, Pasta 4419.003).

³⁰ Carta de Bento de Jesus Caraça a Eduardo Soares com data de 12 de Março de 1943 (Espólio Bento de Jesus Caraça, Fundação Mário Soares, Pasta 4419.003).

³¹ Em carta a Jofre Amaral Nogueira datada de 15 de Março de 1943, Bento Caraça recusa a publicação do original intitulado *Síntese Histórica*, por se tratar de «um ensaio, ou melhor, de um conjunto de ensaios» (Espólio Bento Jesus Caraça, Fundação Mário Soares, Pasta 4419.003). Já a recusa de *Ideias Gerais Sobre o Problema Da “Cultura Física e Desporto”*, proposto para publicação por Eduardo Soares, foi justificada pelo «carácter de “manifesto” pessoal» do manuscrito (Espólio Bento Jesus Caraça, Fundação Mário Soares, Pasta 4419.003).

A concretização das «ideias mestras e dos objectivos finais da colecção»³², envolveu, em quarto lugar, a inserção histórica das matérias abordadas. O simples pressuposto de que a cultura é obra de todos os homens implica que esta seja observada como parte de uma realidade histórica ampla, que extravasa necessariamente o âmbito disciplinar e as comunidades eruditas. Porém, se o desígnio de observar não só «o lado interno» das matérias mas também o «seu lado externo»³³ se mostrou óbvio, a resposta, que abarca simultaneamente o todo histórico e as suas dinâmicas, suscitou problemas involuntariamente complexos, como, adiante, se verificará.

A par da salvaguarda destas quatro orientações sumariamente assinaladas, a associação entre rigor e clareza na exposição constituiu uma preocupação constante da direcção editorial. O estilo das obras a publicar na “Biblioteca” deveria primar por «[...] uma escrita com elevação de pensamento, competência técnica, forma objectiva e simplicidade máxima de expressão»³⁴. Pretendia-se que as citações em língua estrangeira fossem acompanhadas pela sua tradução, o vocabulário técnico convertido em linguagem corrente, a redacção acessível e o fio discursivo das obras fluido e equilibrado.

Estipulava-se, por fim, que o teor das obras compartilhasse o optimismo antropológico e histórico que permitia antever uma cidade nova como a enseada de destino final das epopeias humanas pelo que qualquer sombria incerteza a este respeito deveria ser excluída³⁵. Por outras palavras, a

³² Carta de Bento de Jesus Caraça a Eduardo Soares datada de 12 de Março de 1943 (Espólio Bento de Jesus Caraça, Fundação Mário Soares, Pasta 4419.003).

³³ Esta metáfora espacial que assinala a conjugação entre a compreensão do objecto considerado e o seu contexto, a que adiante recorreremos, consta em carta dirigida a Luís de Freitas Branco a propósito do manuscrito de *História Popular Da Música*, datada de 9 de Novembro de 1942 (Espólio Bento de Jesus Caraça, Fundação Mário Soares, Pasta 4419.010). Além desta obra, Luís de Freitas Branco publicou, na “Biblioteca Cosmos”, *A Vida De Beethoven* e *A Personalidade De Beethoven*, respectivamente n.ºs 34-5, 50 e 124. Numa outra ocasião, já aludida, Caraça explicitou a tese de que «[...] um capítulo histórico será também indispensável para focar o lado de epopeia e de necessidade social que a questão [a aviação] tem sempre apresentado» (Espólio Bento de Jesus Caraça, Fundação Mário Soares, Pasta 4419.010).

³⁴ Carta de Bento de Jesus Caraça a Eduardo Soares datada de 12 de Março de 1943 (Espólio Bento de Jesus Caraça, Fundação Mário Soares, Pasta 4419.003).

³⁵ Bento de Jesus Caraça não se limitou a fazer apelos genéricos acerca do optimismo que reclamava. Por exemplo, na carta a Manuel Cardoso Barata já citada, desceu ao pormenor concreto a propósito dos avanços da aviação: «[...] insisto sobre o lado histórico da epopeia pelo que ele representa de esforço de aproximação de homens e continentes e de possibilidade de conhecimento mais perfeito do globo, em resumo de agente da “paz” no seu sentido mais elevado», para concluir, de seguida, «[...] desejava que o livro fosse, neste sentido, um livro humano e “optimista”, que não deixasse o leitor mergulhado na impressão de que do avião só há esperar destruição e morte» (Espólio Bento de Jesus Caraça, Fundação Mário Soares, Pasta 4419.010).

divulgação do conhecimento não consistiria numa difusão da cultura *tout court*, antes enjeitava as obras que pudessem ser entendidas como alheias ao postulado teleológico da evolução humana³⁶. Sob este norteamento aparentemente benévolo, é possível entrever o repúdio da natureza ambígua, plural e necessariamente contraditória da produção cultural, à semelhança, aliás, do que se passou, nos mesmos anos, no campo da literatura, no que respeita à postergação das obras de poetas como Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Teixeira de Pascoaes ou José Régio.

Este conjunto de critérios, transmitido aos autores e aposto nos comentários do director editorial da colecção aos originais recebidos para publicação acabaram por conferir coerência interna à “Biblioteca”. A própria diversidade temática dos volumes, que tratam assuntos muito desencontrados entre si, não se apresenta, a esta luz, como sinal de dispersão circunstancial, antes se deixa observar como ilustração facetada de um desígnio único, bem mais exequível através da consideração das diferentes manifestações concretas do saber que se pretende divulgar do que pela satisfação de um programa sistemático de súmulas disciplinares.

Ainda a este propósito, é de referir que, embora a publicação de clássicos como *Prometeu Agrilhado*, de Ésquilo, *Utopia*, de Thomas More, *Elogio Da Loucura*, de Erasmo, *O Príncipe*, de Maquiavel, e *Quadro Dos Progressos Do Espírito Humano*, de Condorcet, possa parecer surpreendente, no âmbito de uma colecção de estudos com fundo enciclopédico, a sua inclusão não deixa de mostrar-se congruente e significativa.

Se tivermos em consideração que Prometeu foi, na versão de Ésquilo, o herói clássico que trouxe o fogo à humanidade sofredora e, assim, se converteu «[...] no espírito criador da cultura, que penetra e conhece o mundo, que o põe ao serviço da sua vontade por meio da organização das forças dele de acordo com os seus fins pessoais, que lhe descobre os tesouros e assenta em bases seguras a vida débil e oscilante do homem»³⁷, facilmente concluiremos que a “Biblioteca Cosmos” pretendeu filiar-se na rebelião prometeica³⁸.

³⁶ A carta de rejeição do manuscrito *A Neurose Da Guerra* atesta-o: «[...] o seu trabalho é dominado “por uma atitude céptica perante a vida e a civilização” como diz na sua carta e vejo agora plenamente confirmado pela leitura». «Ora eu – acrescenta – creio que o cepticismo é uma atitude intelectual que resulta de um ponto de vista errado quanto à marcha da civilização e à realização temporal de alguns valores que nos são mais caros». Para concluir «[...] que querem os cépticos? Que, em seis mil anos de História, uma espécie animal que tem talvez quinhentos mil, tenha conseguido atingir um completo equilíbrio social onde brilhem como astros fulgurantes o Bem, a Equidade, etc.? Mas isso é simplesmente absurdo!» (Bento Caraça citado por J. Moreira Araújo, *loc. cit.*, p. 16).

³⁷ Werner Jaeger, *Paideia*, Lisboa, Editorial Aster, 1979, p. 287.

³⁸ Em recensão a *Progresso. História Breve De Uma Ideia*, de Vasco Magalhães Vilhena,

Entre as obras dos três dos autores do início XVI traduzidas, é de destacar a *Utopia*, de Thomas More, naquela que é decerto a sua primeira publicação integral no nosso país. Esta edição, em contraponto com *O Príncipe*, de Maquiavel, possibilita o confronto entre duas abordagens da política moderna com implicações redobradamente contemporâneas: a do governante inglês assente na ficção ético-política das finalidades intrínsecas à república sábia e a do secretário florentino firmada na natureza própria do saber e da acção políticos.

Já as questões suscitadas pela inclusão na “Biblioteca” de *Quadro Dos Progressos Do Espírito Humano*, do Marquês de Condorcet³⁹, revelam-se mais extensas e complexas, pois a obra derradeira do foragido secretário perpétuo da Academia das Ciências, membro da Academia Francesa, revolucionário republicano e teórico maior da instrução e da escola pública encerra uma visão geral do trajecto histórico e do papel transformador da cultura no presente e, sobretudo, no futuro condizente com as expectativas que Bento Caraça depositava na difusão generalizada do saber.

Uma, duas, muitas bibliotecas populares

O confronto, mesmo que sumário, entre a “Biblioteca Cosmos” e a “Biblioteca do Povo e das Escolas”, que Bento Gonçalves havia assinalado como exemplo a Manuel de Oliveira Rodrigues, permite identificar um conjunto de características fundamentais comuns às duas colecções⁴⁰, embora possibilite assinalar igualmente alguns traços programáticos distintos.

O prospecto da iniciativa editorial de David Corazzi, dirigida por Xavier da Cunha, é inequívoco quanto ao propósito de vir a constituir uma biblioteca de cultura geral acessível à generalidade da população alfabetizada:

Formar uma enciclopédia de conhecimentos humanos, uma biblioteca ao alcance de todas as bolsas e de todas as inteligências, um repositório onde os indoutos possam aprender e os doutos se não enfatiem de

Bento Caraça observou, a propósito de *Prometeu Agrilhoado*, «[...] será preciso chamar a atenção do leitor para a flagrante actualidade deste drama, escrito à 2400 anos? Quem não vê nele a tragédia do moderno Prometeu?» (Bento de Jesus Caraça, *Conferências e Outros Escritos*, Lisboa, s. n., 1970, p. 270).

³⁹ Condorcet, *Quadro Dos Progressos Do Espírito Humano*, Lisboa, Edições Cosmos, 1946. A obra derradeira de Condorcet encontra-se incluída na 2.ª Secção da “Biblioteca Cosmos”, designada “Artes e Letras”, onde consta com os números 25/26 e integra a sub-secção “Obras primas da prosa e da poesia”. Na numeração geral da “Biblioteca” figura com os números 104-105. A tradução está atribuída a Maria Antonieta Godinho e o estudo introdutório é de Vitorino Magalhães Godinho.

⁴⁰ J. Moreira Araújo, *loc. cit.* p. 11.

recordar [...] ninguém deixará, por tão diminuto preço, de alcançar gradualmente a instrução, a ciência, a explicação de tantas maravilhas da Natureza e do génio artístico, a sabedoria enfim⁴¹.

No propósito de difusão cultural desta «biblioteca de bolso de qualquer operário»⁴², como Ramalho Ortigão lhe chamou, é possível reconhecer a convergência entre o saber científico e a aura da felicidade, bem como a selecção de matérias da educação popular em «função das “suas ‘ressonâncias’ contemporâneas”»⁴³, segundo uma orientação que valoriza tanto o fundamento quanto a pertinência do saber divulgado.

Os 237 volumes publicados na colecção, entre 1881 e 1913, com autoria de especialistas nacionais, versaram temas com claro predomínio de matérias relacionadas com o conhecimento científico, embora as sete secções por que se dividiram as obras editadas compreendessem um leque de matérias que contemplava igualmente temáticas históricas, literárias, jurídicas e linguísticas.

O êxito e o lastro da “Biblioteca do Povo e das Escolas” mostraram-se suficientemente memoráveis para não serem suplantados por qualquer colecção similar portuguesa posterior. As obras de Corazzi reuniram um conjunto vastíssimo de assinantes, angariados, em Portugal e no Brasil, por uma rede muito extensa de correspondentes e as suas edições quinzenais, regulares ao longo dos primeiros cinco anos, partiram de uma tiragem de dez mil exemplares que chegou a duplicar passados alguns meses. Estes fascículos muito singelos nas suas sessenta e quatro páginas com capa similar ao miolo, vendidos a cinquenta reis, ainda hoje emparelham, nas colectividades populares e nas bancas de alfarrabistas, com as edições brochadas, com preço inicial de dois escudos e cinquenta centavos, da colecção dirigida por Bento Caraça, que apresentam cento e vinte e oito páginas como extensão mínima.

As enciclopédias com edição periódica, sob a forma de livros de bolso ou de magazines, constituíram, aliás, um traço comum na época contemporânea⁴⁴, de que a “Biblioteca Cosmos” é uma das suas expressões, no plano

⁴¹ O teor do prospecto encontra-se reproduzido no preâmbulo “Introduções” que antecede a 6.ª série da “Biblioteca do Povo e das Escolas”, respeitante ao ano de 1882. Citamo-lo a partir da obra de Manuela D. Domingos, *Estudos De Sociologia Da Cultura. Livros e Leitores Do Século XIX*, Lisboa, Instituto Português de Ensino à Distância, 1985, p. 25. Além de pioneira, esta monografia continua a representar o estudo mais completo sobre as origens, os autores, a estrutura e o trajecto da “Biblioteca do Povo e das Escolas”.

⁴² Raul Brandão citado por Manuela D. Domingos (*Ibidem*, p. 75).

⁴³ *Idem, Ibidem*, p. 61.

⁴⁴ Refira-se, a título de exemplo, que a própria “Biblioteca do Povo e das Escolas” apresentou características muito semelhantes, mesmo decalcadas, da “Biblioteca del Popolo. Propaganda d’instruzione”, publicada por Edoardo Sonzogo, em Milão, a partir

nacional, embora com lugar de relevo e significado próprio, proveniente, em boa medida, das condições muito adversas ao exercício e à divulgação do pensamento crítico e objectivo na época em que foi publicada⁴⁵.

A este propósito, é de notar que a própria apresentação da “Biblioteca Cosmos” evoca a “Biblioteca do Povo e das Escolas” como antecedente ao mesmo tempo que expressa a pretensão de colocar os portugueses a par de uma tendência que se mostrava internacional⁴⁶.

Entre os exemplos estrangeiros similares mais próximos encontravam-se os livros de bolso da Pelican Books e da Penguin Books, vendidos, dentro e fora dos circuitos livreiros, ao preço de um maço de tabaco, que haviam revolucionado, desde 1937, o mercado editorial britânico com colecções exclusivamente dedicadas à divulgação da cultura geral⁴⁷.

No próprio âmbito nacional, a “Biblioteca Cosmos” coexistiu com outras iniciativas editoriais afins e igualmente vultuosas. Sob a designação genérica de “cadernos”, as Edições Seara Nova publicaram 86 títulos, entre 1934 e 1944; a Editorial Inquérito deu à estampa 88 volumes, entre 1936 e 1945; as Edições Agostinho da Silva distribuíram 63 obras de “iniciação cultural”, 49 recolhas antológicas e 13 biografias, em colecção específica, entre 1938 e 1947⁴⁸.

Num período um pouco mais remoto, mas posterior à “Biblioteca do Povo e das Escolas”, encontramos outras colecções com intuítos similares,

de Julho de 1875 (Vitor Bonifácio, “Um modelo para a ‘Bibliotheca do Povo e das Escolas’: ‘A Biblioteca del Popolo’”, António Manuel Lopes Andrade e Maria Cristina Carrington (Coordenação), *Do Manuscrito Ao Livro Impresso I*, Aveiro-Coimbra, Universidade de Aveiro Editora-Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019, p. 324 e ss.).

⁴⁵ As obras publicadas na “Colecção Cosmos” foram objecto de aprovação prévia pela Censura, o que constituiu uma situação excepcional. A Censura prévia foi a regra aplicada pelo salazarismo às publicações periódicas, mas não constituiu o procedimento corrente no que respeitava à publicação de livros, que ficavam, porém, sujeitos a apreensão após serem editados e distribuídos.

⁴⁶ O *Boletim da Cosmos* fez questão de assinalar a integração da “Biblioteca” no contexto editorial internacional: «[...] esta editora, de sua parte, realizou todo o possível para dotar o nosso país de uma colecção idêntica a muitas outras que existem em países de profundas raízes culturais, como a Inglaterra, a Alemanha, os Estados Unidos da América, etc.» (Espólio de Bento de Jesus Caraça, Fundação Mário Soares, Pasta 4419.012).

⁴⁷ Algumas das obras publicadas nestas colecções são referidas na correspondência trocada por Bento Caraça (Fernando Vieira de Sá, *op. cit.*, p. 87).

⁴⁸ Pedro Jorge de Oliveira Pereira Leite, *Mercadores De Letras. Rumos e Estratégias Dos Editores e Livreiros Na Divulgação Cultural Durante o Estado Novo (1933-1974)*, dissertação de mestrado em História Contemporânea, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (texto policopiado), 1998, p. 243-250.

como a “Biblioteca de Educação Nacional”, dirigida por Agostinho Fortes, os “Livros do Povo – Noções de Tudo”, de Pedro Bordallo Pinheiro, a afamada “Biblioteca de Instrução Profissional” que Tomás Bordallo Pinheiro dedicou à formação simultaneamente científica e técnica do operariado⁴⁹.

Em 1949, um ano após a publicação do *Submarino*, de Hermes de Araújo Oliveira, que encerrou a “Biblioteca Cosmos”, iniciou-se a “Colecção Saber”, das Publicações Europa-América, com a publicação da *História das Técnicas*, de Pierre Ducassé, destinada a perdurar durante décadas. Como a própria designação deixa sugerir, esta colecção inspirou-se nas edições “Que sais-je?”, criadas em 1941, pouco depois da “Biblioteca Cosmos”, que publicaram 3 900 títulos e viram os seus livros de 128 páginas, o dobro do miolo da “Biblioteca do Povo e das Escolas”, traduzidos um pouco por todo o mundo.

Embora tenha significado próprio e mérito cultural e político de vulto como contraposição à propaganda de fundo integralista providencialista do salazarismo, a “Biblioteca Cosmos” não pode ser observada como uma iniciativa sem precedentes igualmente relevantes. Participou, ao invés, no conjunto muitíssimo vasto de programas editoriais, internacionais e nacionais, destinados a materializar o papel histórico e social imputável à propagação das luzes, nomeadamente das luzes científicas, através do fomento da elucidação racionalista moderna das vontades individuais e da constituição de comunidades assentes no desejo de uma autodeterminação consciente e colectiva que garantisse a prevalência do bem comum.

Idade da razão, marxismo e mecânica estalinista

A cultura surgiu, a Bento Caraça, como sendo, simultaneamente, «um meio e um fim»⁵⁰, o que conferiria à sua difusão tanto um valor circunstancial, contra as manifestações próximas do preconceito e do ludíbrio, quanto uma dimensão estratégica, na medida em que a generalização do conhecimento era concebida como o fundamento histórico das grandes transformações contemporâneas.

O legado intelectual iluminista que postulava o acesso ao saber como condição da cidadania plena – e, como tal, da refundação da comunidade política e social, patente quer na idealização democrática republicana quer no esplendor da ideia libertária da associação livre – persistiu sempre, na letra e no espírito de Bento de Jesus, como a sua grande convicção transversal.

A publicação de *Quadro Dos Progressos Do Espírito Humano*, do Marquês de Condorcet, na “Biblioteca Cosmos” eleva-se, neste contexto, a um

⁴⁹ Manuela D. Domingues, *op. cit.* p. 92-3.

⁵⁰ Bento de Jesus Caraça, *Conferências e Outros Escritos*, Lisboa, s.n., 1970, p. 6.

significado simbólico⁵¹ na medida em que este ensaio configuraria a sùmula dos *philosophes* que transitou do século XVIII para o século XIX⁵², pela pena de um enciclopedista tardio suficientemente visionário para antever a manhã límpida «em que o sol só alumiará sobre a terra homens livres, que só reconhecem como senhor a razão»⁵³.

O sentido do devir histórico universal traçado por este convencional e republicano da primeira hora alicerçou-se no argumento antropológico da disposição humana para o aperfeiçoamento que estaria na origem dos progressos do espírito nas suas diferentes manifestações – intelectuais, éticas, técnicas, institucionais e de costumes – empiricamente reconhecíveis no cômputo de avanços sucessivos adquiridos em cada uma das nove épocas em que segmentou o passado e o presente da humanidade.

O tema da perfectibilidade indefinida da condição humana ergueu o *élan* cultural e civilizacional que atravessou o século XIX e subsistiu, embora combatido, à própria Grande Guerra, travada entre as pátrias mais escolarizadas de todos os tempos.

Os escritos de Bento Caraça podem ser encarados neste âmbito como expressões de uma convicção iluminista profunda, de tal modo o conceito de cultura e as expectativas políticas e sociais colocadas na difusão do conhecimento apresentam afinidades tardias com a profecia racionalista conduzida à sua expressão canónica por Condorcet.

Recordemos, a propósito desta manifestação de longa duração conceptual, os atributos do homem culto tal como Bento Caraça os enunciou em *A Cultura Integral Do Indivíduo – Problema Central Do Nosso Tempo*:

O que é o homem culto? É aquele que:

- 1.º – Tem consciência da sua posição no cosmos e, em particular, na sociedade a que pertence;

⁵¹ É de notar a simplificação do título – *Esquisse d'un Tableau Historique des Progrès de l'Esprit Humain* – resultante da ausência da tradução da sua condição de “esquisse”. Como se sabe, a obra derradeira de Condorcet foi escrita durante os meses em que esteve refugiado em casa de M.me Vernet, na segunda metade de 1793, como resenha prudente do testemunho filosófico de quem passava por dias com desfecho muito incerto.

⁵² Vitorino Magalhães Godinho, colaborador próximo de Bento de Jesus Caraça e de Manuel Rodrigues de Oliveira, abre o texto introdutório da edição portuguesa do *Esquisse* relevando uma opinião corrente entre os estudiosos do pensamento contemporâneo: «O *Esboço De Um Quadro Histórico Dos Progressos Do Espírito Humano* constitui a síntese de todo o iluminismo, e a mensagem que a era setecentista transmitirá ao século XIX para servir de base à ideologia da classe média triunfante com a Revolução Francesa de 89 e à reforma eleitoral inglesa de 1832» (Vitorino Magalhães Godinho, “Posição de Condorcet na evolução do pensamento moderno”, Condorcet, *Quadro Dos Progressos Do Espírito Humano*, Lisboa, Edições Cosmos, 1946, p. 5).

⁵³ Condorcet, *op. cit.*, p. 215.

- 2.º – Tem consciência da sua personalidade e da dignidade que é inerente à existência como ser humano;
- 3.º – Faz do aperfeiçoamento do seu interior a preocupação máxima e fim último da vida.⁵⁴

Embora não se pretenda proceder, no âmbito deste artigo, ao cotejo entre dois discursos distanciados por um século e meio, justifica-se relevar o papel central e comum conferido à cultura dos indivíduos na determinação consciente do destino da colectividade bem como a disposição humana para a perfectibilidade como seu fundamento.

Ainda no plano das certezas firmes, os matemáticos Caraça e Condorcet compartilharam igualmente quer a leitura dos tempos assente no conceito de progresso e dos seus fundamentos históricos⁵⁵ quer o pressuposto de que a lógica que presidia ao devir possibilitaria materializar a era dos homens cónscios da sua natureza e, como tal, capazes de materializar os fins tidos por insitos à condição humana.

Ao mostrarem-se esclarecidos na sua própria edificação, os homens cultos antecipariam o futuro, de que seriam, por imperativo intelectual, ético, social e político, os promotores insubmissos por excelência.

A circunstância de as palavras de Bento Caraça inicialmente citadas constarem na conferência “As universidades populares e a cultura”, que teve lugar na Universidade Popular de Setúbal, no dia 22 de Março de 1931, é, a este respeito, muito significativa pois representa a reflexão de um homem culto acerca dos fundamentos de um meio prático da promoção da formação integral dos concidadãos.

Como muitas outras iniciativas da chamada educação social, as universidades populares tinham surgido em França, neste caso pelas mãos de Georges Deherme, tipógrafo autodidacta, e de Gabriel Séailles, professor de Filosofia

⁵⁴ Bento de Jesus Caraça, *Conferências e Outros Escritos*, Lisboa, s. n., 1970, p. 51.

⁵⁵ A noção de «progressos do espírito humano», cunhada por Bernard de Fontenelle, que precedeu o Marquês de Condorcet como secretário da Academia das Ciências francesa, radica no reconhecimento do processo cumulativo de aquisições científicas e técnicas patentes nos relatórios anuais e nos elogios académicos (Jean Dagen, *L'Histoire De l'Esprit Humain Dans la Pensée Française De Fontenelle à Condorcet*, Paris, Librairie Klincksieck, 1977, *passim*). Ora, era este o fundamento do interesse de Bento Caraça pelas obras biográficas, que deveriam, em seu entender, subordinar-se à questão «[...] qual foi a contribuição do biografado para o enriquecimento do património comum da humanidade?» (Espólio Bento Jesus Caraça, Fundação Mário Soares, Pasta 4409.002). É de notar, ainda, que a afinidade entre o valor científico e o valor moral do avanço do conhecimento, que Caraça destacou, desde logo, no título da conferência que dedicou à obra de Galileu, se encontra subsumida na noção que Condorcet transpôs para o título da sua obra derradeira.

na Sorbonne, para incentivar a «Cooperação das ideias»⁵⁶ entre operários, outros assalariados e intelectuais e para promover «a educação superior e a educação ética social do povo». O seu êxito pode aferir-se pela criação de 230 universidades populares, em França, no período de 1899 a 1914 e pelos mais de 50 000 inscritos que as frequentaram⁵⁷.

O modelo depressa se propagou a outros países europeus, nomeadamente a Portugal, onde foi adoptado pelo principal movimento de intelectuais republicanos portugueses, a “Renascença Portuguesa”, que esteve na origem da Universidade Popular do Porto e de outras iniciativas similares no norte do país, cuja actividade intensa, paralela, aliás, a uma produção editorial vultuosa, ficou registada no quinzenário *A Vida Portuguesa*, dirigido por Jaime Cortesão⁵⁸. Também os homens da *Seara Nova* participaram com grande disponibilidade em iniciativas demopédicas similares, a ponto da sede desta «revista entusiasta das universidades populares»⁵⁹ se ter “anichado” nas instalações da Universidade Livre para Educação Popular, impulsionada por Alexandre Ferreira⁶⁰.

A Universidade Popular Portuguesa, fundada em 1919, quando o movi-

⁵⁶ No folheto em que se apresentou, *La Coopération Des Idées – Société Des Universités Populaires* definiu como finalidades: «A nossa ambição é grande: queremos a verdade, a beleza, a vida moral para todos; queremos que todos usufruam dos bens que constituem o património da humanidade; queremos que, como acontece com o sol para a vista, a luz inteligível se erga para todas as inteligências. Queremos uma civilização real, que deixe de excluir a maioria dos homens, uma civilização que não seja obra e provento de alguns, a que todos sejam chamados a concorrer e a participar. Camaradas, por aspirarmos a dispor das nossas horas de lazer para o nosso desenvolvimento físico, intelectual e moral, o que quer dizer para a nossa emancipação social, erguemos, face ao cabaret e ao café-concerto, a nossa primeira Universidade Popular». A actividade desenvolvida pelo conjunto das universidades populares francesas encontra-se registada no periódico *Coopération Des Idées. Journal Populaires d'Éducation et d'Action Sociales*, publicado a partir de 1895.

⁵⁷ O estudo de Lucien Mercier, *Les Universités Populaires* (Paris, Éditions Ouvrières, 1986) continua a ser a obra de referência sobre o movimento das universidades populares.

⁵⁸ É de recordar que encontramos nas trinta e nove edições de *A Vida Portuguesa*, publicadas entre 1912 e 1915, não só a notícia regular dos cursos promovidos pela “Renascença Portuguesa” na Universidade Popular do Porto, em muitos casos acompanhadas pelos resumos respectivos, mas também a justificação e a história pormenorizada das próprias universidades populares, em artigo distribuído por seis partes, e uma reflexão sobre «as universidades populares e o operariado», dividida em três números, ambos de autoria de Jaime Cortesão.

⁵⁹ José-Augusto França, *Os Anos Vinte Em Portugal. Estudo De Factos Socio-culturais*, Lisboa, Presença, 1992, p. 424.

⁶⁰ José Gomes Ferreira, *A Memória Das Palavras*, Lisboa, Portugalíia, s.d., 3.ª ed., p. 125.

mento internacional já tinha declinado em consequência da Grande Guerra⁶¹, partilhou o modelo original, patente num Conselho Administrativo em que ombrearam sindicalistas de orientação libertária com intelectuais, nomeadamente professores e escritores. Distinguiu-se pela promoção de ciclos de conferências e de outras actividades culturais dirigidas «à libertação espiritual das massas»⁶², realizadas em colectividades populares, desde logo na Cooperativa A Padaria do Povo, onde se estabeleceu, e nas sedes das associações sindicais da época⁶³.

O papel da educação popular foi tido por decisivo tanto nos ideários republicanos, nomeadamente nos mais radicais, quanto na propaganda da “ideia” libertária. Ficou patente quer nas batalhas políticas conduzidas a propósito da escola pública, universal, laica, obrigatória e gratuita, instituída pela III.ª República Francesa, quer na defesa de mil e uma modalidades de ensino informal, quer, ainda, no próprio debate pedagógico, no confronto entre metodologias autoritárias e métodos ditos activos.

Disto mesmo é exemplo, a «escola única», que Bento Caraça advogou em conferência realizada na prestigiada Sociedade de Estudos Pedagógicos, a 19 de Abril de 1935, constituiria uma das expressões mais elaboradas da institucionalização da igualdade universal face ao saber, na medida em que possibi-

⁶¹ Em França, nas vésperas da Grande Guerra só uma vintena de universidades se mantinha em funcionamento (Lucien Mercier, *op. cit.* p. 126).

⁶² Bento de Jesus Caraça, *op. cit.*, p. 10. A este propósito, veja-se o artigo relativamente extenso que abre o número inaugural de *Educação Popular*, boletim da Universidade Popular Portuguesa, em que Faria de Vasconcelos define, a pedido dos seus órgãos directivos, a linha geral de orientação, dirigida à formação do «“homem individual” e do “homem social”, de cuja síntese resulta o homem humano», e aflora outros fundamentos deste «centro de educação e de instrução do povo» (Faria de Vasconcelos, “O que deve ser a Universidade Popular Portuguesa”, *Educação Popular*, Abril de 1921).

⁶³ Emídio Santana deixou testemunho, em diferentes ocasiões, quer acerca da composição do Conselho Administrativo da Universidade Popular Portuguesa em 1926 – «[...] Dr. Dias Amado, Dr. [Avelino Cunhal, professora Beatriz, quatro elementos libertários, eu, José Carlos de Sousa, Augusto Castro Rodrigues e Artur de Freitas, e ainda uma pessoa de que não recordo o nome] – quer sobre a cooperação com os sindicatos – «[...] a Universidade Popular Portuguesa abrangia um leque de pessoas de variadas posições que vinha aos sindicatos e encontrava as suas sedes sempre abertas para as suas actividades, tinha secções em toda a Lisboa, instaladas nos sindicatos” (Luís Crespo de Andrade, “Testemunhos da história cultural e política do século XX. A cultura política e a política cultural do anarco-sindicalismo. Entrevista a Emídio Santana”, *Vértice* 100, II.ª Série (Lisboa, Mar.-Jun. 2001) p. 142). Sobre a origem, composição e actividade da Universidade Popular Portuguesa até 1927, incluindo as relações com as associações sindicais, veja-se Filomena Bandeira, *A Universidade Popular Portuguesa Nos Anos 20. Os Intelectuais e a Educação Do Povo: Entre a Salvação Da República e a Revolução Social*, dissertação de mestrado, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, 1994.

litaria «[...] a abolição de privilégios perante a cultura, privilégios de sexo, privilégios de dinheiro, privilégios de crenças», segundo uma orientação que facultaria a todo o ser humano «[...] a completa aquisição dos conhecimentos que lhe permitam viver dignamente a vida, conforme as suas capacidades – “uma só condição, uma só dignidade, uma só escola”»⁶⁴.

Para o imaginário republicano, a liberdade e a cidadania seriam filhas da escolarização, segundo, aliás, o modelo de instrução estatal desenhado por Condorcet e legislado, muitas décadas depois, por Jules Ferry⁶⁵. A *res publica* implicaria o discernimento individual autónomo que garantisse tanto a autonomia individual quanto a participação esclarecida na vida e nas decisões colectivas. A restrição capacitária do eleitorado e a importância conferida à instrução obrigatória e ao professorado relevam deste pressuposto.

Já o imaginário libertário levou a expectativa depositada na educação pessoal e social mais longe, colocando-a à margem do combate político para a situar no âmbito da transformação social como consequência do brilho intelectual e axiológico da ideia de uma sociedade feita à medida de homens que se teriam elevado à plena consciência da dignidade humana considerada tanto na sua dimensão pessoal quanto na sua expressão comunitária.

Neste aspecto, o homem culto, tal como Bento Caraça o definiu, não é distinto do homem novo que inspirava os adeptos do anarquismo que foram seus companheiros no Conselho Administrativo da Universidade Popular Portuguesa nem a esperança revolucionária que nele se depositava era distinta da missão de formar os concidadãos que assistiam às sessões de difusão do saber, mormente nos sindicatos.

Na literatura anarquista, o valor estratégico da educação mostrou-se não só um tema recorrente como ficou também subordinado, por regra, à ideia de cultura integral do indivíduo. Logo por ocasião da crise académica de 1907, João Evangelista Campos Lima, uma das suas figuras mais proeminentes, havia proposto a criação de uma Escola Livre de Ensino Integral, para a qual abriu uma subscrição⁶⁶. Em 1914, Adolfo Lima publicou *Educação e Ensino – Educação Integral (1929-30)*⁶⁷, que António Candeias classificou como «[...] obra que consideramos fundamental para a compreensão dos contornos

⁶⁴ Bento de Jesus Caraça, “Escola única” *Conferências e Outros Escritos*, op. cit., p. 105 (itálicos do autor).

⁶⁵ Foi «[...] Condorcet o primeiro a formular, com grande precisão teórica e de pormenor, o sistema de educação que convém à sociedade moderna», escreveu Jules Ferry (Jules Ferry, *La République Des Citoyens*, Paris, Imprimerie Nationale, 1996, Tomo I, p. 67).

⁶⁶ Campos Lima, “Ensino Integral – Obra de educação e solidariedade”, *Nova Silva* 3 (Porto, 5 Mar. 1907) p. 7-8. Leonardo Coimbra, Jaime Cortesão e Álvaro Pinto foram os três primeiros subscritores a entregar o seu contributo.

⁶⁷ Adolfo Lima, *Educação e Ensino: Educação Integral*, Lisboa, Guimarães & Ca, 1914.

que as ideias libertárias em matéria de educação tiveram em Portugal»⁶⁸. Com o lema «aperfeiçoa-te que aperfeiçoarás», o mesmo Adolfo Lima já tinha resumido a convicção geral que animou *Educação Social. Revista de Pedagogia e Sociologia* (1924-1927)⁶⁹, numa perspectiva retomada, pouco depois, por João Campos Lima na sua *Cultura. Revista Mensal Ilustrada, Literária, Artística, Científica, Social* (1929-1930).

As organizações sindicais da Primeira República consolidaram esta orientação geral através de aprovação de teses sobre a educação, nomeadamente no Congresso Confederal de Santarém, realizado em 1925, bem como pela criação de várias dezenas de escolas anexas aos sindicatos, que acompanharam o aparecimento de numerosos periódicos, associações populares, bibliotecas, ciclos culturais e outras iniciativas de pedagogia social.

No estudo mais informado e sistemático que abarca o programa educativo anarco-sindicalista, António Candeias, já citado, sumariou os propósitos educativos da educação libertária com as seguintes considerações:

Educar, sim, mas segundo os objectivos políticos sociais e culturais que visassem a formação do homem livre, racional e integral. Livre dos dogmas da religião e do Estado; racional ao ter como critério a verdade provada pela ciência; integral aproveitando e explorando de forma global as potencialidades intelectuais e afectivas do ser humano; integral, ao propor a educação politécnica que recusa a divisão trabalho manual-trabalho intelectual, que para os anarquistas será uma das causas e um dos resultados da divisão da sociedade em classes, integral ou politécnico ainda porque na sociedade do futuro todos devem ter as bases culturais e técnicas suficientes de forma a por um lado compreenderem as bases científicas e técnicas das suas profissões e, por outro, adaptarem-se à maleabilidade de tarefas exigida pela evolução tecnológica e social, dispensando tanto quanto for possível a necessidade de “especialistas”, personagens vistas com profunda desconfiança no mundo libertário.⁷⁰

O papel conferido por Bento de Jesus Caraça à cultura e à sua difusão não se afastou, ao longo do conjunto do seu trajecto intelectual e cívico, da representação da educação exposta, que fazia o ambiente noético da intervenção social e política da Lisboa radical na época em que despontou para a vida pública.

⁶⁸ António Candeias, *Educar De Outra Forma. A Escola Oficina N.º 1 de Lisboa – 1905-1930*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 1994, p. 546.

⁶⁹ Adolfo Lima, “Educação Social. Pedagogia e Sociologia”, *Educação Social* 1 (Lisboa, 10 Jan. 1924) p. 1 e 3.

⁷⁰ António Candeias, *Ibidem*, p. 132.

A adesão ao pensamento marxista e à acção política neste inspirada operada no ânimo de Bento Caraça ao longo da década de 1930, à semelhança de muitos outros homens de letras nacionais e estrangeiros, não se caracterizou pela rejeição crítica das convicções matriciais sumariamente enunciadas, antes coexistiu com a sua preservação. Aos termos dos ideários que postulavam a cidade nova como consequência do esclarecimento racional individual e colectivo, Caraça adicionou por justaposição, mais sincrética do que eclética, a visão marxista presente nas codificações doutrinárias da época.

Por outras palavras: apesar da leitura do sentido da história assente no fundamento antropológico do aperfeiçoamento humano indefinido e da sua interpretação a partir da dialéctica das classes, resultante da lógica interna inconsciente e involuntária das transformações das relações de produção, serem manifestamente incompatíveis entre si, esta questão não se colocou a Bento Caraça ou, caso lhe tenha assomado, não foi por si considerada suficientemente relevante para proceder à revisão crítica das noções que lhe haviam moldado o pensamento e a atitude.

Porém, a afirmação de que o pensamento de Karl Marx e Friedrich Engels se constituiu a partir da rejeição da herança ideológica iluminista é uma evidência que resulta da leitura das primeiras obras que assinaram conjuntamente.

Logo em *A Sagrada Família*, o livro que inaugurou a redacção e publicação comuns dos teóricos do chamado socialismo científico, editado em 1845, estes incluem-se entre os autores comunistas e socialistas, como Fourier e Owen, que julgavam que: «“todos os progressos do espírito” foram até aos nossos dias “progressos contra a massa da humanidade”, que se viu colocada numa situação “cada vez menos humana”»⁷¹.

Esta rejeição das expectativas sociais emanadas das “Luzes” não só está subentendida nos restantes escritos destes dois autores como foi frequentemente explicitada. Engels, por exemplo, diz-nos que «[...] o reino da razão mais não era do que o reino idealizado da burguesia», pelo que

[...] comparadas com as promessas sumptuosas dos filósofos iluministas, as instituições sociais e políticas produzidas pelo “triumfo da razão” revelaram-se caricaturas amargamente decepcionantes, motivo pelo qual a crença fundamental na perfectibilidade humana não passaria de palavreado⁷².

As duas leituras filosóficas da história em confronto surgiriam assim, como inteiramente distintas nos seus fundamentos, na compreensão geral da

⁷¹ Karl Marx e Friedrich Engels, *La Sainte Famille – Ou Critique De La Critique Critique. Contre Bruno Bauer et Consorts*, Paris, Éditions Sociales, 1972, p. 106.

⁷² Friedrich Engels, *Anti-Duhring – M. E. Bouleverse la Science*, Paris, Éditions Sociales, 1977, p. 48, 294, 297-298.

evolução das sociedades humanas e na determinação das condições políticas que determinariam a passagem da pré-história à história das sociedades humanas.

A uni-las encontramos tão-só o vínculo do sentido da acção humana à sua historicidade, a suposição de uma natureza e de um destino comum a cumprir pelas sociedades ao longo de etapas históricas sucessivas e a assimilação e transcendência das fontes empíricas pelo princípio de inteligibilidade do trajecto humano postulado.

Em *Conceitos Fundamentais Da Matemática*, Bento de Jesus Caraça não só explicitou a razão de ser da atitude que o levou a insistir na contextualização dos progressos do conhecimento como aditou também novos critérios à leitura dos avanços do saber científico presentes, por exemplo, nas conferências de fundo biográfico que havia dedicado, entre outras, às obras de Galileu e de Galois.

Após definir «duas atitudes em face da ciência», a primeira subordinada à ordem de exposição de um saber constituído e a segunda pretendendo ver «[...] toda a influência que o ambiente da vida social exerce sobre a criação da Ciência», Bento Caraça defende que

[...] a ciência aparece como um organismo “vivo”, impregnado da “condição humana”, com as suas forças e as suas fraquezas e subordinado às grandes necessidades do homem na sua luta pelo “entendimento” e pela “libertação”; aparece-nos, enfim, como um grande capítulo da vida humana social⁷³.

Na abordagem assim enunciada pode observar-se não só o devir histórico imanente como fonte primordial do sentido das coisas humanas, mas também, e sobretudo, uma insistência comum da literatura marxista a este respeito, segundo a qual as representações humanas não têm uma história autónoma «[...] e são, pelo contrário, os homens que ao desenvolverem a sua produção material e as suas relações materiais que transformam, com esta realidade que lhes é própria, o seu pensamento e os produtos do seu pensamento»⁷⁴.

O problema colocado reveste-se da maior complexidade possível, na medida em que faz depender a compreensão de qualquer transformação intelectual do conjunto das determinações históricas que podem ser-lhe imputadas, isto é, subentende que o significado das mudanças na história do pensamento só pode ser apreendido através da percepção global das tensões dialécticas do todo em devir.

⁷³ Bento de Jesus Caraça, *Conceitos Fundamentais Da Matemática*, Lisboa, Edições Cosmos, 1942, Vol. I, p. 5-6 (destaques do autor).

⁷⁴ Karl Marx e Friedrich Engels, *L'Ideologie Allemande*, Paris, Éditions Sociales, 1976, p. 20-21.

A aporia implícita contém em si um obstáculo que atravessará a leitura historicista dos produtos culturais, bem visível, aliás, nas tentativas que Bento Caraça ensaiou para explicar as relações entre autores como Galileu Galilei, Évariste Galois ou Isaac Newton e as suas circunstâncias, independentemente dos diferentes critérios de contextualização utilizados em cada um destes esboços de fundo biográfico.

Note-se, de passagem, que a dificuldade, mesmo a impossibilidade, de concretizar o desígnio definido acompanhou as tentativas mais exigentes de história cultural de inspiração marxista subsequentes, como as longas, criteriosas e sucessivamente retomadas considerações reflexivas de António José Saraiva sobre a inserção dialéctica da história da cultura e da literatura portuguesas no conjunto da história nacional e universal atestam com clareza.

Porém, num tempo de acerado combate político e ideológico, a resposta emprestada pelo marxismo de origem soviética aos problemas suscitados pela análise das relações entre as realidades da produção material e as expressões da consciência evitou a complexidade e enveredou por uma codificação linear, mesmo mecânica, de acordo com a qual as classes ascendentes se distinguiam pelo seu pendor materialista e dialéctico e, como tal, próximo da vida, dos seus dramas concretos e do desejo de mudança, enquanto as classes sociais decadentes se refugiariam em visões idealistas e metafísicas, isto é, fantasiosas e imobilistas.

A este propósito, é de assinalar que esta codificação oficial, avalizada pela Academia das Ciências da URSS em enciclopédias e tratados, fez vingar a partir de meados da década de 1930 um impulso importante para que a reformulação do ponto de vista do processo cumulativo de aquisições do espírito humano pudesse conservar alguma pertinência, agora como sucessão de contributos intelectuais das classes avançadas, embora o raciocínio implícito apresentasse uma clara natureza ínvia, pois obrigava a abstrair do corpo conceptual de que tinha emanado.

Os escritos de Bento Caraça não escaparam ao jogo causal tornado corrente pela propaganda política e cultural internacional. Podemos observá-lo quando afirmou que Júlio Dantas representava «uma classe para a qual a Ciência já não tem interesses fundamentais»⁷⁵, como acima ficou referido, está igualmente implícito nos atributos e na qualificação do conceito de cultura racionalista e optimista que fez prevalecer na “Biblioteca”, mas é, sobretudo, patente em algumas das passagens de *Conceitos Fundamentais Da Matemática*, que decorrem directamente da atitude que escolheu face à exposição do saber científico, com que pretendia evidenciar «toda a influência que o ambiente da vida social exerce sobre a criação da Ciência».

A par da definição dos conceitos mais gerais das ciências matemáticas e do enquadramento da sua evolução à luz de algumas das categorias da dia-

⁷⁵ Ver nota 12.

léctica, Bento Caraça procedeu à revisão do pensamento filosófico grego quer nas suas principais incidências ontológicas quer na relação destas com o trajecto do saber matemático.

Nesta análise, Platão e os diálogos de sua autoria acabaram por avultar na medida em que teriam conduzido a um impasse destinado a perdurar durante muitos séculos. Como pensador da aristocracia ateniense em conflito com comerciantes e artesãos, o criador da Academia teria procedido à «aristocratização do saber», em oposição à sua divulgação por parte dos sofistas, ao desvio «[...] da atenção das coisas externas do homem para a centrar nas internas morais e psicológicas», à afirmação da tendência «[...] para o abandono da realidade sensível, da realidade fluente, e para o refúgio no seio do espiritualismo, onde se pode construir à vontade, uma “permanência” que abrigue dos vendavais da transformação...»⁷⁶.

Só o surgimento da ciência moderna, simbolizado por Galileu, iria, volvidos quase dois milénios, superar as teias idealistas e metafísicas urdidas pelo primeiro dos sistemas filosóficos. Os tempos eram outros e a nova classe dos mercadores e dos manufatureiros carecia de um conhecimento objectivo, universal e necessário capaz de estruturar uma visão do mundo moderna e de ser convertido, simultaneamente, em saber técnico útil⁷⁷.

É de notar, a este propósito, que a António Sérgio não escapou, na polémica que travou com o autor de *Conceitos Fundamentais Da Matemática*,

[...] o dogma absurdo de que partiu Caraça [...] ou seja o de que não há nada que entender no filósofo [Platão], já que as teses formuladas por este grande génio não podiam proceder de motivos razoáveis, não passando da sublimação dos seus interesses de classe⁷⁸.

É muito razoável supor que o autor dos *Ensaio*s visava, nestas palavras, tanto Bento de Jesus quanto a simplificação de fundo mecanicista e dogmático do enredo histórico emanada das autoridades soviéticas. Basta ler o muito traduzido *Dicionário Filosófico*, com direcção de Mark Moisevich Rosentale e Pavel Fedorovich Iudin, publicado pela Editorial Estatal de Literatura Política, em Moscovo, no ano de 1939, dirigida pelo segundo dos autores, para verificar que Platão é apresentado como «filósofo idealista da antiga Grécia» que «lutou activamente contra as doutrinas materialistas do seu tempo», o que permitia classificá-lo como «representante da aristocracia ateniense». A sua doutrina teria ainda desempenhado «um notabilíssimo papel na ulterior

⁷⁶ Bento de Jesus Caraça, *Conceitos Fundamentais Da Matemática*, Lisboa, Edições Cosmos, 1942, Vol. II, p. 94.

⁷⁷ *Idem*, *Ibidem*, p. 116.

⁷⁸ António Sérgio, “Explicações para os que entendem a língua que eu falo”, *Vértice* 36/39, Vol. 2, Fasc. 8 (Coimbra, Jun. 1946), p. 215.

evolução da filosofia idealista» a ponto de ser utilizada, na actualidade, «pelos inimigos da concepção materialista do mundo»⁷⁹.

Por portas travessas, a história dos progressos do espírito humano e a dialéctica intrínseca às relações de produção e ao desenvolvimento das forças produtivas cruzar-se-iam no âmbito do pressuposto de que os contributos dados ao conhecimento e à sua divulgação teriam sido desde sempre obra de classes revolucionárias.

Noutros domínios, nomeadamente os das letras e das artes algo de semelhante se passaria, como os textos fundadores e canónicos do realismo socialista assinalaram ao confrontar heróis positivos populares com as personagens decadentes, ensimesmadas ou marginais da ficção burguesa.

O desiderato ideológico destas simbioses queria-se, obviamente, portentos, na medida em que contém em si a insinuação de que o fogo prometeico se encontraria, então, nas mãos da jovem classe proletária, esclarecendo os seus passos e iluminando o seu destino.

Como se vê, os tempos vividos por Bento Caraça mostram-se tão difíceis no plano político nacional e internacional quanto intensos e empolgantes no âmbito da propaganda das ideias.

Mesmo os homens de cultura intelectualmente mais prevenidos e íntegros, movidos pelo desejo abnegado de promover o saber científico e humanístico junto dos seus concidadãos, atravessaram contextos muito diversificados e não se encontraram imunes à diversidade das suas diferentes manifestações.

Felizmente, a “Biblioteca Cosmos” salvaguardou a sua pertinência através de uma grande abertura disciplinar e temática, num amplo consenso de todos aqueles que defendiam o legado científico e reflexivo moderno e contemporâneo, pelo que as considerações marcadas pelo discurso marxista ortodoxo e oficial não comprometeram o tom da colecção.

Pragmática política e interpretação histórica: o mito e o homem

A figura do democrata brilhante e intransigente que dirigiu a “Biblioteca Cosmos” reuniu em si muitos dos atributos que permitem converter as vidas exemplares em narrativas míticas.

Às origens rurais e alentejanas, Bento Caraça juntou a revelação dos dotes intelectuais notáveis que lhe permitiram fazer-se a si próprio e atingir o grau académico mais elevado antes dos trinta anos. No trato pessoal, o seu brilho e afabilidade ficaram testemunhados por muitos daqueles com quem lidou,

⁷⁹ M. M. Rosental e P. F. Iudin, *Dicionário Filosófico*, Lisboa, Editorial Estampa, 1972, Vol. IV, p 157-158. Entre as muitas traduções desta obra na década de 1940 contam-se as suas edições no Chile, em 1945, e no Uruguai, em 1946.

mesmo de forma ocasional⁸⁰. No plano político, mostrou-se um resistente ao salazarismo animado por uma frontalidade e uma firmeza inquebrantáveis⁸¹. A índole cultural da sua actividade cívica granjeou-lhe um amplo reconhecimento quer entre os homens das letras e das ciências quer junto daqueles a quem as suas palavras e iniciativas chegaram⁸². A morte muito precoce, na situação difícil de excluído do ensino superior e ainda no contexto das derradeiras iniciativas do MUD, culminou o carácter excepcional da sua vida.

A possibilidade da pragmática política e da glorificação ideológica procurarem cristalizar a figura de Bento de Jesus Caraça numa personagem mítica, a celebrar através da atribuição do seu nome a instituições e lugares, bem como pela evocação de citações e de outras referências avulsas ritualizadas, acabou por vingar. A simples sobreposição do conjunto dos textos em que a sua vida e obra se têm visto comemoradas atesta-o, do mesmo modo que as ilações e consignas com incidência simultaneamente geral e circunstancial retiradas dos seus escritos o reiteram.

Ora, o mito anula o homem e os contornos concretos das circunstâncias vividas nos aspectos que não se mostram constitutivos da economia da narrativa tida por útil. Como Prometeu, antigo ou contemporâneo, fadado ao suplício ou exposto em panteão, qualquer figura simbólica é uma ideia-imagem afastada da condição dos homens, da sua acção e pensamento, necessariamente complexos, contraditórios e problemáticos.

Se a discursividade a partir da qual a narrativa é delineada se encontra vinculada ao primado da pragmática política e, nesta, à reconfirmação de um pensamento e de uma acção tidos como inexpugnáveis na sua coerência, toda a ambiguidade ou, mesmo, ambivalência tende a ser reduzida à conformidade da interpretação tida como sendo a circunstancialmente pertinente.

Mário Dionísio andou avisado quando sublinhou, a este propósito, que a verdadeira comemoração do legado de Bento Caraça «[...] é a da rigorosa

⁸⁰ A título de exemplo, citemos o testemunho de Mário Cesariny, que dedicava uma “admiração ilimitada” a Bento Caraça, desde que ouviu uma das suas conferências, em que o «[...] sentido das suas palavras, verdadeiro banho de lucidez [...] nada era ainda junto à impressão de força ágil, da inteligência proporcional ao corpo que dele emanava» (Mário Cesariny, “*In Memoriam – Bento Jesus Caraça*”, *Jornal de Artes e Letras*, Junho de 1968).

⁸¹ Os exemplos de intransigência política abundam na vida pública de Bento Caraça, como Mário Soares recordou ao precisar «[...] que toda a Academia do meu tempo [o] colocava no vértice da hierarquia democrática» (Mário Soares, *Portugal Amordaçado*, Lisboa, Edições Arcádia, 1974, p. 115).

⁸² Ao evocar Bento Caraça como uma referência constante para a geração que foi anterior à sua e para a sua própria geração, Eduardo Lourenço testemunhou uma opinião corrente entre estudantes e jovens intelectuais (Eduardo Lourenço, *O Canto Do Signo. Existência e Literatura*, Lisboa, Editorial Presença, 1994, p. 288).

análise da obra do homenageado, que permite exprimir a mais profunda admiração sem que se caia na fácil tentação do endeusamento»⁸³. Apontou, mesmo, um exemplo: o artigo "Bento Caraça e o ensino da matemática em Portugal" em que José Sebastião e Silva parte do pressuposto de que «[...] é óbvio que a acção pedagógica de um professor só poderá ser devidamente apreciada no contexto da época e do meio em que viveu», para proceder, de seguida, à análise do mérito pedagógico dos escritos matemáticos de Caraça, sugerir a possível influência de alguns investigadores italianos e ponderar algumas limitações científicas que lhes podem ser imputadas⁸⁴.

Se quisermos utilizar uma expressão do director da "Biblioteca Cosmos" já citada, podemos dizer que o mito está sempre do «lado interno» na medida em que encerra uma visão global e fechada, e não se relaciona com o "lado externo", pois escapa-lhe tudo o que lhe é alheio. Ora, a liturgia das evocações ritualizadas consolida este recolhimento face ao mundo na exacta medida em que serve o propósito de fidelizar e propagandear uma dada identidade ideológica colectiva e não visa um exercício crítico e reflexivo, mesmo nos casos em que as suas expressões conhecem variações e não se mostram unísonas.

Embora não seja este o momento para proceder-se a uma revisão geral da recepção dos escritos e da acção de Bento Caraça, é oportuno sublinhar alguns dos traços inerentes à compreensão da "Biblioteca Cosmos" já referidos nas suas relações com a construção e consolidação da representação ideológica de Bento Caraça instituída de modo informal mas persistente.

Consideremos, pois, três aspectos em que sobressaem as supostas dimensões criadoras das palavras e da acção de Bento Caraça quando confrontadas com a ocultação simultânea dos elementos contextuais mais significativos de que relevam.

Atendamos, em primeiro lugar, ao teor da conferência *A Cultura Integral Do Indivíduo – Problema Central Do Nosso Tempo*, o escrito mais frequentemente citado, aliás, com plena justificação, porque anuncia, no próprio título, um programa e o seu préstimo estratégico. Obviamente, nada se esclarece, na leitura desta conferência, através de paráfrases que mesclam a volteadura do texto sobre si próprio com outras alusões mais ou menos dispersas. Qual o conceito de cultura presente? Que outras expressões culturais este conceito exclui? Estamos perante uma construção conceptual original? Ou o entendimento exposto tem uma genealogia? Que impede que se tenha presente que a cultura integral do indivíduo surgia em muita da literatura

⁸³ Mário Dionísio, "Evocação de Bento de Jesus Caraça", *Vértice* 412/414, Vol. 38 (Coimbra, Set.-Nov. 1978), p. 501.

⁸⁴ J. Sebastião e Silva, "Bento Caraça e o ensino da Matemática em Portugal", *Diário de Lisboa*, 25 de Junho de 1968.

libertária das primeiras décadas do século XX não só como conceito mas também como orientação e prática revolucionárias e operárias com incidência individual e colectiva? O argumento de que o motor das sociedades se encontra nos progressos individuais e colectivos do espírito e a leitura marxista da história são compatíveis?

Detenhamo-nos, em segundo lugar, na actividade desenvolvida por Bento de Jesus Caraça à frente da Universidade Popular Portuguesa, em que desempenhou um papel directivo de grande relevo, a ponto de a “Biblioteca Cosmos” poder ser entendida como o prolongamento editorial de desígnios então formulados. A actividade da Universidade Popular Portuguesa teve finalidades distintas das universidades populares em que se inspirou, nomeadamente na sua vertente republicana e libertária, amplamente registada no boletim *Coopération Des Idées. Journal Populaire d'Éducation et d'Action Sociale*? Afastou-se da muito activa Universidade Popular do Porto dinamizada por Jaime Cortesão, até se alistar voluntariamente no Corpo Expedicionário Português, segundo ciclos de conferências e de actividades coerentes e extensos? Que motivo determina a omissão da composição quase paritária entre sindicalistas libertários e intelectuais na origem e no Conselho Administrativo da universidade que funcionou na Cooperativa A Padaria do Povo?

Registemos, por fim, a insinuação de que a “Biblioteca Cosmos” constituiu um caso ímpar de divulgação científica na história editorial portuguesa e a sugestão do seu carácter pioneiro no plano internacional⁸⁵. A própria apresentação da “Biblioteca” dirigida por Caraça não refere expressamente o exemplo da “Biblioteca do Povo e das Escolas”? Assim como a necessidade dos seus concidadãos terem acesso a obras que circulavam em colecções próprias noutros países europeus? Que qualidades substantivas distinguem a “Biblioteca” de outras iniciativas nacionais e internacionais afins?

Estes três apontamentos, que permitem questionar uma atitude peculiar e empenhada de captura simbólica da memória próxima, fazem sobressair, por um lado, a rasura do contexto histórico em que Bento de Jesus Caraça se formou e tornou “militante da cultura”, com destaque para a proscricção da memória do anarco-sindicalismo e da actividade de educação popular que promoveu, e levam a agigantar, por outro lado, o porte singular, libertador e humanista conferido às suas palavras e à sua acção.

À semelhança das narrativas míticas, o processo de omissão próprio do discurso ideológico acompanha a afirmação do verbo e dos gestos das figuras a quem se quer atribuir a origem dos novos sentidos e realidades.

⁸⁵ Alberto Pedrosa deu a esta insinuação vulgar uma forma conclusiva: «Biblioteca Cosmos – uma vasta obra de formação e de divulgação sem par no panorama da cultura portuguesa e da edição em Portugal. Obra pioneira (a sua congénere francesa *Que Sais-je?* Só alguns meses depois iria surgir)» (Alberto Pedrosa, *Bento de Jesus Caraça – Semeador De Cultura e Cidadania*, Porto, Campo das Letras, 2007, p. 44.

Caso se pretenda, ao invés, seguir a orientação indicada por José Sebastião e Silva de situar Bento Caraça entre os seus contemporâneos, nacionais e estrangeiros, e de atender, por esta via, às suas invulgares qualidades intelectuais, cívicas e políticas mas também às ambiguidades, contradições e mudanças que acompanham todos os homens, torna-se necessária uma abordagem que resgate a memória de Bento Caraça de uma qualquer pragmática política, a reconduza à leitura do conjunto dos seus escritos e atenda às circunstâncias históricas em que formou as suas convicções culturais e sociais.

Será, então, razoável supor que Bento Caraça testemunhou a passagem entre duas épocas com culturas políticas de esquerda e revolucionárias distintas, a primeira marcada pelo ambiente mental de emancipação individual e colectiva próprio dos imaginários republicanos e, sobretudo, da difusa "ideia" libertária, a segunda caracterizada pela inspiração marxista e a simpatia pela URSS.

Neste itinerário, o percurso de Bento Caraça não primou pela originalidade, antes acompanhou as grandes inflexões dos movimentos de intelectuais da década de 1930 no âmbito internacional⁸⁶ e, também, no contexto português⁸⁷.

Tendo nascido em 1901, o autor de *A Cultura Integral Do Individuo – Problema Central Do Nosso Tempo* viu-se, por efeito deste trânsito ideológico, convertido na referência nacional da geração que veio ao mundo nas vésperas da Revolução de Outubro e se formou no decorrer da Guerra Civil de Espanha⁸⁸. A avocação das suas palavras e dos seus gestos seguiu, aliás, o modelo de legitimação assente no recurso a figuras de intelectuais vivos, anteriores e prestigiados exemplificada pela cristalização quase ideográfica de figuras tutelares como Máximo Gorki e Romain Rolland.

Ora, tais valedores, que confeririam a caução do mérito maduro à juventude da época, representavam tanto o testemunho do passado que abona as opções presentes quanto o remanescente dos tempos idos na actualidade, com relevância particular para aqueles casos em que as convicções originais não foram descartadas, mas, supostamente conciliadas com as novidades dos tempos.

A memória mítica de Bento Caraça foi erguida, pois, sobre um plinto firmado em subentendidos e intenções pragmáticos oriundos de uma cultura política complexa e peculiar destinada a perdurar até à actualidade.

⁸⁶ Sobre a aproximação recíproca entre os intelectuais e os partidos comunistas na década de 1930, veja-se, por exemplo Eric J. Hobsbawn, "Gli intellettuali e l'antifascismo" Eric J. Hobsbawn *et alli* (dir.), *Storia Del Marxismo*, Turim, Giulio Einaudi editore, 1981, Vol. III, Tomo 2, p. 443-490.

⁸⁷ Veja-se Luís Andrade, *Intelectuais, Utopia e Comunismo. A Inscrição Do Marxismo Na Cultura Portuguesa*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2010.

⁸⁸ Só Abel Salazar, nascido em 1889, podia comparar-se-lhe, embora a defesa da moderação nos regimes políticos e as reservas manifestadas acerca da URSS ensombrassem o acolhimento pleno do defensor do positivismo lógico e da caracterologia.

Porém, a compreensão do teor da obra de Bento Caraça e a explicação circunstancial do seu sentido geral revelam-se facilmente acessíveis desde que se evitem os lugares comuns consignados, se declinem omissões gerais tidas como convenientes e se coloquem as questões mais óbvias.

Caso assim aconteça, surge como medianamente claro que os escritos e a acção do director da "Biblioteca Cosmos" contêm em si a transição entre duas épocas do pensamento revolucionário segundo um movimento pessoal que salvaguarda as convicções em que se formou e as irmana com as novas representações ideológicas e políticas que lhe passaram a servir de referência.

O interesse principal dos seus escritos reside mesmo no modo como adicionou concepções distintas mas tidas como sendo igualmente progressistas num movimento eclético que oscilou entre o primeiro e o segundo dos pólos do seu discurso quando considerado no seu teor e movimento globais.

As próprias circunstâncias que acompanharam a publicação da "Biblioteca Cosmos" atestam, só por si, a mudança de ciclo da cultura política revolucionária, nomeadamente se atendermos que os dez volumes do "Novo Cançãoeiro" foram publicados entre 1941 e 1944 e que a esta colecção se seguiu a dos "Novos Prosadores".

A nova geração de intelectuais que nestas duas iniciativas editoriais se afirmou colectivamente seguia os ventos de uma nova cultura política de matriz marxista cuja política cultural não se centrava no mérito conferido à difusão do saber positivo próprio do conhecimento científico mas nas letras e nas artes política e socialmente comprometidas.

Como a designação sugere, o Neo-Realismo foi um movimento literário e artístico, alheio, naquilo que lhe respeitava especificamente, ao acompanhamento da produção científica ou à sua difusão, pelo que não é de admirar que a "Biblioteca Cosmos" não tenha conhecido novas iniciativas editoriais que lhe dessem sequência, apesar de Bento Caraça ter sido adoptado como figura tutelar, em muitos aspectos, pela generalidade dos jovens escritores e artistas plásticos politicamente comprometidos.

Porém, caso se associe a corrente neo-realista à inscrição do marxismo na cultura portuguesa contemporânea, como é pertinente, torna-se claro que os articulistas das publicações periódicas que lhe deram expressão identificavam o modelo de conhecimento positivo com o pensamento moderno⁸⁹. O

⁸⁹ Na imprensa neo-realista encontram-se referências frequentes, quer ao periódico francês *La Pensée*, subtintulado, por Georges Politzer, «*Revue du Rationalisme Moderne*», nas suas três primeiras edições, com início em 1939, e nas que se lhe seguiram regularmente após 1944, quer à revista inglesa *Modern Quarterly* substancialmente mais precoce. Entre os cientistas e os historiadores das ciências mais traduzidos nos órgãos do movimento contam-se algumas das figuras que fundaram e dirigiram estas publicações com destaque para Paul Langevin, Henri Wallon e John Desmond Bernal.

élan cientificista surge mesmo em toda a sua magnificência se a autoconsciência intrínseca à decifração do trajecto histórico da humanidade e a elucidação da via de superação socialista e comunista da divisão da sociedade em classes for, a este propósito, considerada.

Como à luz desta revelação emancipadora, a condição demiúrgica de quem se sente convocado para a cisão heroica dos tempos e para a fundação da cidade nova se impõe a qualquer dimensão estritamente cognitiva, a acção revolucionária sobrepõe-se necessariamente a qualquer outra consideração, tida por impertinente, nomeadamente factual, crítica ou reflexiva.

Tudo emerge, então, do sentido e da utilidade ideológicos e tácticos conferidos ao uso simbólico da memória, dando, assim, sequência a uma longa tradição, mais ou menos oficiosa, ditada, sobretudo, pela intencionalidade política.